

Poesia

LER DRUMMOND

Waly Salomão

Pico de Itabira
que máquina mineradora não corrói
é a própria obra poética de **CDA**,
ápice do modernismo brasileiro.
Fulano de tal situa sua poesia entre o símbolo e a
alegoria
e beltrano vislumbra nela o princípio-corrosão
e sicrano percebe uma poética do risco;
enquanto este escrutina a técnica da palavra-puxa-palavra
aquele outro detecta uma estilística da repetição.
Entanto as interpretações subsidiárias
não criam uma película fantasmática
entre o leitor treinado, o leitor plurifocal, e a poesia de
Drummond.
Esta permanece qual rútilo e incorruptível diamante,
imune aos assaltos dos exércitos da hermenêutica.

Pratico umas leituras luteranas,
- e, desde que *fato* nunca nem há mais,
giram que giram celeradas as roldanas das interpretações
-
enfio um pé aquém e o outro pé além,
um contato direto e sem intermediários
com as sete faces dos seus veios poliédricos.
Rer Drummond pela milionésima vez é uma aventura
adâmica,
um convite renovado ao espanto e a surpresa.
Close readings nas internas das galerias das minas.
Magia lúcida, esfinge clara:
chiar para não ser destituído do estímulo do simples
enigmático.
Uma pedra de tropeço quebra o sono dogmático.
Açucarado? Edulcorado? Nunca de nuncaras.
Dissolução de Minas, família, Deus.
Morte do absoluto & despetalar da rosa do bloco
histórico & redução eidética

Em clave sintética:

Chega um tempo em que não se diz mais: Meu Deus
Tempo de absoluta depuração.

Oficina irritada em direção a um sereno/escalavrado
agnosticismo.

A vida passada a limpo não em nome da restauração
do perdido

Mas sim da almejada: **Nudez.**

Estoicismo sem consolo nem vanglória.

A procura da poesia é um aparelho processador/
reprocessador

Que nulifica bazófias.

Ler Drummond:

pela milionésima e mais uma vez e mais...